

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: FORMAÇÃO DE ALUNOS-LEITORES

Maria do Carmo dos Santos

Ryta de Kassya Motta de Avelar Sousa

Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. maria.santosxd@gmail.com

Resumo: Sabe-se que o contato que a criança tem com os livros é através de histórias contadas, no qual seus pais, avós, responsáveis ou até mesmo sua professora leem, instigando seu poder imaginativo com histórias sobre fadas, aventuras, trechos da Bíblia, poemas... São tantos meios para introduzi-la neste mundo tão vasto! É ouvindo Histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! Porém, com todos os benefícios supracitados, a contação de história apresenta determinadas deficiências em seu processo. Dessa forma, surgiram discussões internas a respeito de entender o desinteresse dos alunos e compreender se de fato os professores possuem a careza do quanto tal atividade influencia na construção de saberes do sujeito. Logo, o presente trabalho tem o objetivo de analisar como a contação de histórias pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e com a formação de alunos-leitores na Educação Infantil. Uma vez que a literatura infantil, enquanto objeto da cultura, é diferenciada à criança e pode ser considerada, quando utilizada de forma consciente pelo professor, como um importante instrumento no processo de aprendizagem da leitura e escrita. No decorrer do estudo são realizadas discussões teóricas acerca da importância do tema proposto no processo de ensino e aprendizagem direcionados a crianças que se encontram no início da sua escolarização, pautando-se em autores como: Abramovich (1997), Cavalcanti (2002), Libâneo (1992), Silva (2004), Zilberman (1998 e 2001) dentre outros. Apresentamos uma pesquisa qualitativa, tendo como sujeito três professoras de escolas da Prefeitura do Recife e duas professoras de escolas privadas do mesmo município. Para a coleta dos dados foram realizados questionários. Os resultados mostram que as professoras entrevistadas, de certa forma, usam a literatura infantil como recurso de ensino e aprendizagem de seus alunos. Apesar de algumas não possuírem objetivos mais concretos que visem um melhor aproveitamento do momento, focando apenas nos momentos prazerosos o qual não possui nenhuma conexão com o aprendizado, sendo apenas uma forma de entretenimento.

Palavras Chave: Literatura Infantil, Contação de Histórias, Ensino, Aprendizagem.

Introdução

O presente trabalho teve como base analisar como a contação de histórias pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e com a formação de alunos-leitores, ou seja, como a narrativa pode contribuir no processo de aprendizagem dos alunos na Educação Infantil, e, verificar como o professor vê esta prática na Educação Infantil, como compreende o processo da contação de histórias, como pode colaborar na formação de alunos-leitores; e identificar os principais problemas encontrados pelos professores para que a mesma seja praticável na era digital.

A origem desta pesquisa partiu de observações feitas em salas de aula, na qual docentes promoviam a “Hora da Leitura” com alunos do Infantil II até o Infantil V.

Notamos que os alunos nessa faixa etária, não conseguem prestar atenção cem por cento na história que está sendo narrada. Principalmente, se a história que o docente escolheu possui palavras

complexas demais para a idade abordada e for longa demais. Porém, constatamos também várias reações, de acordo com a história. Risos, desconforto, questionamentos, tristeza, entre outras manifestações de sentimentos.

Após o conto, professores dedicavam alguns minutos para conversar com as crianças e perguntá-las o que havia entendido da história, o que elas puderam absorver diante da narrativa apresentada. Alguns, meio sem jeito, associavam o que tinham escutado com experiências pessoais e até mesmo contavam outras histórias parecidas com aquela que fora contada. Um ponto fundamental, eram os olhos atentos, a mente sedenta por novas histórias mirabolantes e incríveis, a curiosidade quanto as ilustrações, as repetições em relação ao nome do livro e do autor, como forma de memorizá-los e a vontade enorme de poderem pegar e ler eles mesmos.

A partir de então, passamos a ter um novo olhar acerca da importância da Literatura Infantil, ou seja, das produções que eram destinadas a crianças, como exemplo, as que se fazem presentes em obras de ficção (e também outros recursos como os CD's), concluindo que estas podem e devem ser utilizadas de modo que não sejam apenas como pretextos para ensinar conteúdos que estão sendo aplicados ou, até mesmo, para minimizar ou resolver problemas específicos relacionados ao comportamento pessoal e social, porém, podem ser destinados como estratégias de ampliação do imaginário das crianças e, assim, sua inserção social.

Afinal, é ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. Além disso, uma questão foi-se impondo em nossa mente: como a contação de história pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem?

Tendo por base essa questão, surgiu diante das experiências vivenciadas e observadas, algumas outras que nos foram instigando: como o professor vê a prática da contação no processo da Educação Infantil? Como o ato de contar história pode colaborar na formação de alunos-leitores? E por fim, não menos importante: Quais os principais problemas encontrados pelos professores para que a contação seja praticável na era digital?

Em face dessas questões, a verificação e análise das possíveis consequências da contação de histórias para a formação de futuros alunos leitores que se encontram na Educação Básica, mais especificamente na Educação Infantil, e das atitudes e desempenho dos professores frente a essa

contação parecem relevantes para que possam atingir os objetivos propostos para este trabalho, conforme supracitados em seu início.

A escolha dos alunos da Educação Infantil para a realização da pesquisa deu-se pela importância de instigação do seu imaginário e de como as professoras em questão costumam trabalhar isso com seus alunos e se o faz de forma correta. Assim, como toda atividade, é necessário adotar algumas estratégias que envolvam: planejamento, sequência didática, avaliação e acompanhamento dos objetivos a serem alcançados. Afinal, como o próprio Libâneo (1992, p. 221) nos diz: “o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”.

1. Novas possibilidades para a prática de contar histórias

Sabe-se que a educação estética¹ começa no berço. Assim ~~como~~, também se tem a plena consciência de que o contato com a arte, de maneira geral, amplia o sentido das crianças, possibilitando uma nova visão de mundo, sendo ela mais abrangente, rica. Segundo estudos, quando as crianças passam a ser estimuladas em seu cotidiano através de músicas, folclore, contos e lendas, elas passam a redimensionar a realidade, propondo novas possibilidades de olhar para si e para o outro.

Ziraldo, grande escritor e ilustrador, famoso pela criação do *Menino Maluquinho* e pelas tiragens das revistinhas *Pererê*, nos alerta para o fato de que a escola precisa apresentar à criança o infinito que ela tem dentro de si e a leitura pode ser o passaporte para a descoberta dos tantos mundos que habitam em nós mesmos. Portanto, não há a menor dúvida quanto a importância da leitura para o desenvolvimento e formação de pessoas sensíveis e informadas, capazes de um olhar consciente e transformador da realidade. A questão que encontramos é uma dialética em que Cavalcanti (2009) nos diz:

(...) A questão reside em como vamos formar leitores simbólicos numa realidade em que pessoas não dispõem de tempo para a reflexão, e as mensagens devem seguir um padrão de imagem que remeta e desloque o leitor para múltiplos referenciais, embora toda informação deva ser elaborada do ponto de vista conceitual. (p. 76)

Como a própria autora aborda, o problema está inserido na “falta de tempo”, o qual as pessoas não conseguem parar para refletir de fato ao que foi lido. Apenas, remetem texto a imagens, onde possam associar uma coisa à outra, o que deixa os futuros leitores ávidos por quererem admirar as ilustrações, esquecendo-se da história em si. Acredita-se que a literatura enquanto objeto

¹ Pode ser definida, também, como a “alfabetização” na linguagem não verbal, linguagem da arte. Tem por base à própria arte enquanto atividade livre e criadora.

artístico deva gerar mais do que conceitos, pois deve provocar, remexer e desconstruir o que já estava estabelecido para criar novas ordens.

A tarefa apresentada aqui deve ser a de formar leitores. Porém, fica cada vez mais difícil, pois agora temos que, quase unicamente, desempenhar tal função no espaço escolar. E há um fator preocupante nisso tudo, onde a escola é, o maior representante institucional da repetição, da mesmice semiótica, de valores estanques e padrões de comportamento anacrônicos, em que a diferença ameaça os moldes estabelecidos pela ordem da razão e da ciência. Em outras palavras, a escola, por mais que represente uma instituição a fim de formar novos cidadãos, e, conseqüentemente, de formar alunos leitores, estimulando seu lado criativo e imaginativo, apenas apresenta as formas tradicionais, permanecendo na mesmice, como fora supracitado, “cortando” do aluno qualquer forma de representação que ele possua.

Segundo Cavalcanti (2009, p. 77) muitos questionam o fato de diversas escolas “trabalharem” o texto literário, quando o mesmo não deve servir ou ser utilizado no sentido pedagógico, visto a Literatura ser em si o único fim do processo de leitura. Ou seja, a Literatura não possui o papel de educar o indivíduo ou fazê-lo compreender de forma interdisciplinar os contextos escolares. Literatura nada mais é do que Literatura. A experiência simbólica experimentada no texto literário basicamente justifica sua utilização, pois “a função essencial do conto na educação é dar alegria, na alegria e pela alegria, exercitar e alimentar o espírito”.

Instituições escolares estão postas em questão e nunca foram tão discutidas suas ações pedagógicas como atualmente. A escola de hoje não deve apenas focar no estudante, mas passa a ter uma parcela significativa em dar conta da família e de tudo aquilo que diz respeito à educação. Isso significa que ela também está determinada ao resgate da cultura popular, como criar espaços para experiências lúdicas e discussões interculturais e inter semióticas.

Sabemos e temos plena consciência que a escola é um ambiente propício para a produção de leitura, aliás ela deve ser o espaço para o desenvolvimento das potencialidades, no que inclui-se o tornar-se leitor. Porém, a escola necessita ser instruída para tal atividade, para que não faça da Literatura mero instrumento pedagógico com a finalidade de apenas reproduzir padrões e valores já pré-estabelecidos da ideologia dominante. Ao contrário, a escola deve ser o local onde a arte possa libertar e transformar o sujeito.

Portanto a escola deve ser a que transforma não a que envidraça, ao contrário disso, ela deve promover o sentido de liberdade de expressão, buscado prazer estético, gosto pela leitura, ter mais criações de espaços para a valorização do lúdico, enfim deve ser um campo fértil para a valorização

da interdisciplinaridade e pluralidade do olhar sobre o mundo. Segundo Cavalcanti (2009, p. 81) na escola onde é de teor transformador, também haverá espaço para a emergência da singularidade, como também das individualidades que unem-se em favor do coletivo. Na escola onde o ser é transformado haverá espaço para conteúdos fantasiosos e poéticos, ou seja, conteúdos para a alma. Por mais que nos remeta a ideia do impossível, do utópico, haverá sempre lugar para o sonho e para o surgimento de um leitor simbólico, que mergulha no vazio das palavras para buscar seu próprio sentimento. Para que possam ler com o corpo e com o espírito, sendo assim, seres transformadores.

Diante disso, podemos notar várias possibilidades e caminhos a serem seguidos com a ideia clara de que a Literatura pode e deve ser vista de outras formas, não apenas como textos literários com visão apenas de entretenimento. Literatura também possui a função de educar o ser para o futuro, para que possa exercitar seu lado criativo e artístico. Literatura não pode ser vista como uma atividade que envidraça, como foi citado logo acima, mas uma atividade que transforma o cidadão e todos que estão a sua volta.

2. A Arte de Contar Histórias

Constatada a importância que o ato de contar histórias exerce sobre a criança como fonte de prazer e contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de sair improvisando. Para ter sucesso em qualquer narrativa, deve-se ter em mente que vai depender de vários fatores que se interligam, sendo assim fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho de quem propõe a narrar, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro tem como a finalidade de transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática.

Os docentes em questão, precisam planejar suas atividades. O que parece ser novo até então, é que contar histórias também necessita seguir um planejamento, ou seja, o momento do conto deve ter uma previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo. Por meio dessa estratégia, o professor tem a autonomia de mudar o que for necessário para que a atividade seja significativa para as crianças, que elas possam sentir-se parte da ação proposta em sala de aula ou em qualquer ambiente que seja propício para a execução de tal atividade. Afinal, como o próprio Libâneo (1992, p.221) nos diz: “o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”.

Simultaneamente, a sequência didática faz parte desta atividade, sendo ela um conjunto de atividades ligadas entre si, pensadas em ensinar um conteúdo, etapa por etapa. De acordo com o

tema proposto pelo (a) professor (a), através da narrativa, ele (a) pode de forma lúdica, tornar a aprendizagem mais eficiente e assim, ser capaz de observar um melhor rendimento dos alunos.

Com todos os itens citados anteriormente, que fomenta a importância do planejamento prévio da atividade que será abordada, o próximo passo a ser dado consiste em escolher o que contar.

Naturalmente, faz-se necessário uma seleção prévia, levando-se em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas. Não adianta escolhermos uma história no qual haja palavras de difícil compreensão para uma faixa etária “baixa”, ou até mesmo histórias com conteúdo mais infantil para crianças que conseguem fazer uma melhor compreensão do que está ao seu redor. Assim, esse primeiro passo é o mais demorado recomendando-se cuidado para evitar tropeços posteriormente. Às vezes, leva-se um determinado tempo para que a escolha seja adequada para o que está sendo proposto. Livros são pesquisados, algumas revistas entre outros materiais para que auxiliem o contador da melhor forma. É preciso também considerar o estilo e o gosto pessoal do narrador.

Como Silva (2004) afirma:

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte. (p.14)

Apresentado nesses termos, pode-se dizer com toda certeza que, ao reproduzirmos algo que não temos afinidade, não conseguimos compreendê-la em sua plenitude, não será agradável para quem está narrando, muito menos para quem está ouvindo a história. Assim, o desinteresse será maior, procurando qualquer outra atividade que o possa preencher de outra forma. Logo, o narrador, que já estará sem estímulo algum para fazer a narrativa, irá perder ainda mais a vontade de dar continuidade a história. Parte daí, uma via de mão única, onde ambos estarão demonstrando total desinteresse, porém apenas um continua insistindo em permanecer em uma história que começou de forma incorreta e continuará da mesma forma até que o narrador termine o que começou.

3. A Importância da narrativa no processo de ensino-aprendizagem

Ouvir muitas e muitas histórias é de suma importância para a formação de qualquer criança. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor significa ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

É através das histórias que as crianças também conseguem identificar aos poucos os sentimentos a respeito das narrativas. Sejam esses sentimentos bons, como: amor, carinho, afeto,

bem-estar, alegria, como também os considerados ruins, assim como a tristeza, raiva, irritação, medo, pavor, insegurança entre outros. É viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez ou não brotar. Para isso, receptores devem ser estimulados antes mesmo do narrador iniciar as atividades, assim poderão aproveitar da melhor forma a história, podendo embarcar no poder fantástico do imaginário.

A ato de contar histórias consegue transmitir conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, tal atividade possui a importância de sua universalidade; de sua influência; dos recursos que oferece aos educadores e dos benefícios que poderá proporcionar à Humanidade.

Ao falarmos que sempre há alguém responsável por contar histórias, reporta-se a ideia de que apenas crianças, jovens e adultos que costumam ouvir, possam ter baixo nível em relação à leitura ou simplesmente serem analfabetos. Deve haver uma ruptura relacionada a essa concepção, pois ouvir histórias não é uma questão que seja restrito a ser alfabetizado ou não.

[...] adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contando histórias pelo telefone (verdadeiras, fictícias, vontades do que aconteça...), por querer partilhar com outros, algum momento que não tenham vivido juntos... Quantas vezes, no meio dum papo cálido e próximo, ou agitado e risonho, alguém diz: “Ei, eu já te contei essa história? Não?? Nossa... Pois é...” (ABRAMOVICH, 1997. p. 22)

Dessa maneira, não nos cabe classificar a escolaridade de ninguém, pois todos são propícios a contar e ouvir histórias, sejam elas boas ou não. Todos os dias, surgem diversas maneiras diferentes de contar e nem sempre elas são contadas por antepassados e nem vistas em livros, mas sim vivenciadas, sentidas e transmitidas.

Não se deve esquecer que a narração possui um destino de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação. Isso significa que ao aplicar outros métodos como *slides* apresentando imagens, ou qualquer outro tipo de ferramenta a fim de representar o que está sendo dito, acaba interferindo e neutralizando a sua mensagem, que é sempre de forma auditiva e não visual.

Ouvir histórias é uma das atividades mais significativas, abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras ações. Ela permite que o sujeito possa enxergar novos horizontes, novas possibilidades e dessa forma, consiga resolver problemas muito mais rápido e com um toque bem sutil de pura criatividade.

Metodologia

Este estudo possui uma abordagem qualitativa que nos proporciona ter ideia do real, no qual não poderia ou não deveria ser quantificado. Minayo (2004, p.21) afirma que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...) Ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2004. p. 21)

Portanto, não nos cabe aqui, quantificar, mas sim, dar um cunho de qualidade a pesquisa proposta, abordando significados para os questionamentos aqui apresentados.

Os sujeitos que compõem esta pesquisa são cinco professores (as), onde puderam relatar suas experiências em relação ao seu planejamento, suas atividades e como conseguem abordar temas atuais nas contações propostas em sala de aula.

O campo adotado para a pesquisa foram duas escolas, sendo uma pública da rede municipal do município de Recife e uma particular situada no mesmo município.

Como instrumentos de coleta adotamos o uso de questionário, que segundo Bardin (2001) “trata-se de examinar respostas a um inquérito que explora as relações psicológicas que o indivíduo mantém com o automóvel”. (p. 59). Ou seja, através desse método, pudemos notar essências significativas quanto a prática das contações nos respectivos ambientes

Para dar conta das análises nosso recurso foi baseado na Análise de Conteúdo por categorização (BARDIN, 2002) o qual se trata de uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

Análise dos Resultados

No presente estudo tem-se o objetivo de mostrar como cinco professoras da educação infantil veem a contação de história como mais um instrumento didático para facilitar o ensino aprendizagem das crianças, tendo como base o roteiro de entrevista apresentado no Anexo A.

No que se refere aos recursos metodológicos utilizados para contar histórias, as professoras utilizam pesquisas em livros, televisão, internet, congressos e eventos. Segundo Silva (2004) se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte. Isso significa que livros devem ser pesquisados, algumas revistas entre outros materiais para que auxiliem o contador da melhor forma. Foi perguntado às professoras o que é contar histórias. As respostas foram

diversificadas e interessantes. P1 deixou claro que além de ser um momento bastante prazeroso, contar histórias estimula a leitura, facilita no aprendizado, o aluno consegue compartilhar ideias, construir conceitos e, não menos importante, comparar com a história contada com a sua realidade. P2 acredita que o (a) aluno (a) tem a oportunidade de conhecer uma versão diferenciada do mundo. Já P3 disse que uma história bem contada, ela permite que a magia, o prazer, as sensibilidades aflorem no (a) indivíduo, deixando o encantamento quando a história chega ao fim. P4 mencionou que é um momento de aprendizagem e estímulo à novas descobertas. P5 disse que além de ser prazeroso para ambos, tanto os discentes como para a própria educadora em questão, é uma fonte inesgotável de aprendizagem para os alunos.

Quando indagadas sobre a contribuição da narrativa no processo de ensino-aprendizagem, percebe-se que as cinco professoras entrevistadas trouxeram respostas que se completam. No que se refere a elas acreditarem que há colaboração, pode-se ver tais respostas: funcionalidade da escrita; percepção de diferentes tipos de narrativa; ampliação do vocabulário; estímulo a curiosidade e o desenvolvimento do senso crítico.

Para estas professoras a narrativa assume um papel importante em sala de aula quando trata-se de ensino e aprendizagem. A ato de contar histórias assume a função de “abrir” novos horizontes, mostrando-se rica em diversos aspectos e fazendo com que o (a) aluno (a) possa ter seu momento de deleite e como também adquirir um vocabulário mais rico.

Com relação a distribuição do tempo para a contação, as professoras trouxeram respostas um pouco diferenciadas. P1 mencionou que inicialmente fica atenta ao grupo, escolhendo o momento para melhor aproveitamento. P2 procura contar histórias nos momentos de intervalo entre as atividades. Já P3 divide seu tempo em três momentos, sendo eles a pré-leitura, a leitura e a pós-leitura. P4 afirmou que sempre conta histórias no início da aula, como forma de abertura do tema que irá abordar naquele dia. P5 menciona que conta apenas uma vez por dia, seja no início da aula ou após o lanche.

Segundo Libâneo (1992) “o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”. Desta forma, sabe-se que para algumas professoras, o ato de contar histórias cabe apenas no início da aula, como havia planejado, sendo uma espécie de cartão de visitas para o que pretende ensinar. Para outras, a narrativa serve como uma “quebra” nas atividades, sendo uma leitura deleite, como supracitado.

Quando questionadas sobre como classificariam o momento da contação de histórias e porquê, todas afirmam ser algo prazeroso. P5 também acredita que seja uma atividade interessante e

muito legal. P1 mencionou que tal prática permite o poder imaginativo que está presente no processo de ensino-aprendizagem. P2 atestou que é o momento de observações mais apuradas quanto ao pensamento e aos sentimentos apresentados pelos (as) alunos (as). P3 disse que, como adora ler e compartilhar histórias, sente-se realizada ao ver o entusiasmo e admiração do ouvinte. Para P4, é um momento de suspense e que os (as) discentes apreciam este momento. Já P5 a curiosidade e o interesse que os (as) alunos (as) demonstram pelos textos lidos são o suficiente.

Nota-se que há uma relação mútua de interesse e curiosidade por parte do educando. Segundo Abramovich (1997, p.) “É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”.

Quando questionadas sobre os benefícios do ato de contar histórias, P1, P2, P3 e P5 demonstraram respostas similares, o qual amplia o vocabulário, desenvolve a atenção, traz novos conhecimentos e estimula a criatividade. P2 ainda ampliou sua resposta, mostrando que os (as) passa a ter gostos pela leitura, cria o hábito da escuta e expande a seu poder de concentração. Já P4 não respondeu quando questionada.

Tais respostas podem ser remetidas a Zilberman (1998) no momento em que afirma que quando o professor possibilita a curiosidade dos seus alunos, ele está dando reais condições para que possam se desenvolver baseados na liberdade de expressão, independentemente do livro que lhes foi apresentado, pois, confirma-se assim, a contribuição da literatura infantil como agente formador dos seres, tornando-a indispensável nas salas de aula.

No que diz respeito aos problemas encontrados ao narrar histórias e quais seriam, há respostas diversificadas. Para P1, é necessário que o (a) professor (a) tenha conhecimento prévio do que irá expor aos (as) alunos (as) e assim, trabalhar com as diversas tipologias textuais. P2 não respondeu à pergunta. P3 acredita que não há nenhum problema, pois os (as) alunos (as) sempre pedem para contar histórias. P4 apontou que a falta de concentração por parte de alguns alunos é o problema central quando propõe não só a atividade de contar histórias, mas qualquer uma que tente desempenhar em sala de aula. P5 apenas afirmou que não há nenhum problema, sem especificações.

Sendo assim, vale ressaltar que a escolha das histórias influencia no comportamento dos (as) alunos (as) em questão. É interessante que tenha plena consciência da faixa etária em que se está trabalhando e quais são os interesses apresentados pela turma. Silva (2004) explica que na fase mágica, tudo no início é novidade; nas outras vezes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode ir se identificando cada vez mais, apreciando os detalhes.

Atualmente, a contação de histórias está sendo trabalhada na maioria das instituições escolares, visando o ensino e aprendizagem de forma lúdica, para que as crianças possam tornar-se futuros leitores e que possa estimular seu poder imaginativo, sua criatividade e sua concentração. É escutando narrativas que surgem possibilidades de descobrir o imenso mundo dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, seja de um modo bom ou não.

Considerações Finais

O resultado do estudo mostra que as professoras que puderam ter a oportunidade de responder ao questionário, aparentemente utilizam a contação de histórias em suas aulas, propiciando um clima agradável e de estimulação do imaginário. Contudo, percebe-se que algumas dessas professoras questionadas, demonstram utilizar a narrativa como na hora do entretenimento, para que as crianças em questão demonstrem disciplina. Sendo assim, ainda não conseguem despertar nas crianças a importância que há por trás daquelas histórias contadas, mostrando-as uma espécie de “moral” ao término da narrativa. Por tais motivos, nota-se que ainda há um certo equívoco perante a verdadeira face do significado da narrativa em sala de aula.

O que mais chamou atenção foi perceber que determinadas professoras não possuíam, ou se possuíam algum tipo de conhecimento sobre a temática, conseguiram fugir das perguntas propostas, deixando até algumas questões em branco, que seriam de suma importância para a compreensão do seu trabalho em sala de aula. Pois, quando bem usada, a narrativa pode despertar diversos interesses na criança, transformando-a em um possível leitor futuramente.

Para que isso se faça valer e ter um propósito mais significativo, é preciso que as escolas e os professores façam uso coerente da literatura infantil, para que a mesma torne-se um objeto propulsor de interação e crescimento contínuo das crianças em relação ao mundo e ao que as cercam, sempre priorizando a realidade que consiste nas histórias, mesmo as que sejam de cunho fantasioso.

Conclui-se que esta relação entre contação de história e o processo de ensino e aprendizagem está cada vez mais progredindo e tornando-se algo muito significativo em sala de aula. Porém, para que isto ocorra de forma igualitária, não se restringindo a alguns momentos ou a algumas escolas, deve-se atentar para o fato de que a literatura infantil deve ser tratada como uma etapa de aprendizagem lúdica, não transformando-a em apenas um entretenimento para situações conflituosas em sala de aula. O ato de contar histórias necessita ser vista, sempre, de modo global

como um recurso a mais no processo de ensino e aprendizagem dentro das salas de aula e até mesmo fora delas.

Sugere-se que o ato de narrar histórias seja um tema ainda mais recorrente nos cursos de formação de professores e nas formações continuadas das redes de ensino, mostrando-lhes cada vez mais a importância e os diversos meios que há para uma boa narrativa, deixando um pouco de lado os clichês que já estamos cansados de ver. Portanto, deve-se fazer parte do planejamento escolar dos professores, principalmente daqueles que fazem parte da Educação Infantil.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

SILVA, Maria Betty. **Contar Histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.